

# Literatura Comparada: Os Novos Paradigmas

Margarida L. Losa  
Isménia de Sousa  
Gonçalo Vilas-Boas  
(Orgs.)

Associação Portuguesa  
de Literatura Comparada,  
Porto, 1996



**LITERATURA COMPARADA: OS NOVOS PARADIGMAS**  
**LITTÉRATURE COMPARÉE: LES NOUVEAUX PARADIGMES**  
**COMPARATIVE LITERATURE: THE NEW PARADIGMS**

**Comissão Editorial / Comité Editorial / Editorial Committee:**

**MARGARIDA L. LOSA**  
**ISMÉNIA DE SOUSA**  
**GONÇALO VILAS-BOAS**

Actas do Segundo Congresso da Associação Portuguesa de Literatura Comparada

Actes du Deuxième Congrès de l'Association Portugaise de Littérature Comparée

Proceedings of the Second Congress of the Portuguese Association of Comparative Literature

**Porto, 3-6 de Maio de 1995**

## «Quand dire c'est refaire»: a palavra mal/dita por Vergílio Ferreira e João Guimarães Rosa

A *Palavra Mágica* de Vergílio Ferreira e *Famigerado* de Guimarães Rosa são dois contos cuja problemática assenta em pressupostos semelhantes. O «single and preconceived effect» de que falava Poe é obtido através da exploração da opacidade do signo linguístico, que de palavra se torna enigma. Fundem-se os conceitos de signo, palavra, símbolo e enigma em duas narrativas onde o problema da despragmatização da linguagem se transmuta para dar lugar ao da repragmatização da palavra. A personagem principal dos dois contos é o equívoco, actante com funções não de herói mas de oponente – o objecto será a comunicação.

«A linguagem é um labirinto de caminhos. Vindo de um lado, conheces o caminho; vindo de outro lado, mas para o mesmo ponto, já não conheces o caminho». (Wittgenstein: 1989). Damázio dos Siqueiras e Silvestre vieram pelo outro lado e encontraram no caminho desconhecido duas palavras: «famigerado» e «inócuo». Dois enigmas. Dois insultos. Apreendidas no que apenas de materialidade possuem, as palavras são recebidas como pedras, carregadas de dureza e de peso incomportável na situação de enunciação. O signo é apenas significante, objecto gradualmente estropeado. «Inócuo» transforma-se em «inoque», «noque», «quinoque», «soque». «Famigerado» incomoda aquele a quem a palavra foi dirigida, que procura uma autoridade que desobscureça o pretenso insulto: «Vosmecê agora me faça a boa obra de querer me ensinar o que é mesmo que é: famisgerado...faz-me-gerado...falmisgeraldo...familhasgerardo?».

O primado da materialidade do signo sobre a sua referencialidade surge ao longo dos dois textos indiciado e figurado reiteradamente de formas diversas. Para além da deformação dos significantes, comum aos dois contos, surpreende-se em ambos uma espécie de estrutura em abismo linguística, ilustrativa da problemática essencial da diegese – a constatação de que «as palavras são pedras» (cf. Ferreira, Vergílio, *Aparição*). Esta constatação da corporeidade das palavras é reafirmada ao longo do conto de Guimarães Rosa numa sequência de neologismos que imediatamente instauram o insólito da linguagem: «Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato». Equiparado – parado a cavalo. Renomeação do mundo através do aproveitamento da materialidade significativa da linguagem, como ainda nas expressões «cabismeditado», «transfoi-se-me», «mumumudos» ou «verivérbio». Não se trata aqui tanto de «desbautizar el mundo», como queria Roberto Juarroz, mas de o rebaptizar, «sacrificar el nombre de las cosas / para ganar su presencia». O texto rosiano prossegue,

com nova chamada de atenção pelo curto trava-línguas: «Os outros, tristes três, mal me haviam olhado», e ainda pela aliteração: «O medo me miava»..

Bastante diverso é o processo que se pode surpreender em *A Palavra Mágica*, onde o próprio vocábulo, personagem principal, surge explicitamente referido e descrito como um objecto com existência física própria. Assim, «inócuo» é primeiramente referido como uma palavra com «sabor redondo a moca grossa de ferros, cravada de puas. (...) Inócuo dera a volta à aldeia, secara todo o fel das discórdias, escoara todo o ódio da população. A moca grossa de ferros, seteada de puas, era agora uma arma terrível, quase desleal, que só se usava quando se tinha despejado já toda a cartucheira de insultos».. A palavra, personificada, sai da aldeia até que um dia volta «em farrapos, na boca de um caldeireiro, mais estropiada, coberta da baba de todos os rancores e de todos os crimes. (...) Era possível a qualquer apanhar com o palavrão na cara e ficar coberto de peste».. «Inócuo» é, em última instância, arma.

Encontram-se nos dois contos duas situações que se poderiam descrever como de tensão linguística. Duas palavras surgem no contexto diegético como produtoras e produtos de discussão. A sua estranheza provoca justificada angústia perante o desconhecido. Dois vocábulos aparentemente neutros no seu significado convencional adquirem feições insultuosas, apresentando deste modo um significado situacional (cf. Eco: 1994) bastante diverso. A palavra é arma, é veneno, geradora de mistério, de surpresa: «Paradoxe du sens: le sens commun, connu, usé, en dit moins que l'inconnu qui fait une part au rêve, à l'imagination:» (Yaguello: 1981). No conto de Guimarães Rosa a palavra «famigerado» apela apenas ao sonho e imaginação de Damázio dos Siqueiras: «Vosmecê mal não veja em minha grossaria no não entender. Mais me diga: é desaforado? É caçoável? É de arrenegar? Farsância? Nome de ofensa?». Mais profundo e mais lato o fenómeno semelhante no conto de Vergílio Ferreira: toda uma comunidade linguística responde ao apelo de um signo cujo significado desconhece. «Inócuo», proferido numa situação de discussão, dito e ouvido como insulto, torna-se verdadeira «mot-valise» – não já a imbricação ou condensação, numa só palavra, de duas palavras que possuem uma ou mais de uma sílaba em comum (cf. Hagège: 1986), mas um vocábulo, arca de sentidos onde se vão guardando, acumulativamente, semas que apenas têm em comum a pretensão de funcionarem como insultos.

A «palavra mágica» é «bola de neve» que responde às necessidades de uma aldeia com um léxico restrito: «É como o vocabulário dos pobres era curto, alguém se lembrou da palavra milagrosa do Ramos».. Palavra milagrosa porque dentro dos seus «ilimites» todos os sentidos são possíveis, como postula Benveniste: «A linguagem propõe, de certo modo, formas «vazias» de que cada locutor se apropria em situação de discurso».. No texto de Vergílio Ferreira esta apropriação é plena desde o início, como se constata no primeiro momento em que «inócuo» é utilizado:

«Quem é você, Silvestre amigo? Um inócuo, no fim de contas. Um inócuo é o que você é. Silvestre já se dispusera a ouvir tudo com resignação. Mas, à palavra «inócuo», estranha ao seu ouvido montanhês, tremeu.

Também o Ramos não via o fundo ao significado de «inócuo». Topara por acaso a palavra num diálogo aceso de folhetim, e gostara logo dela, por aquele sabor redondo a moca grossa de ferros, cravada de puas».

O equívoco instaura-se desde logo na comunicação – «inócuo» transforma-se em «verbo da maldição», «palavra maldita», signo pan-sémico onde é plena a liberdade de exercício da imaginação. O proferir do vocábulo ligar-se-á sempre a jogos de linguagem onde o que está em causa é a provocação do interlocutor. A palavra, afirma o narrador, «era agora uma arma terrível». Poder da linguagem superando a força física do homem, como em *Famigerado* – o narrador reage à chegada do seu inquiridor com a afirmação «Eu não tinha arma ao alcance».. Mas tinha – o conhecimento da língua era a única arma necessária para se defender face a um homem que, descrito como «O feroz de estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes, homem perigosíssimo»., se encontrava apegado pelo desconhecimento de uma simples palavra: «famigerado». Atente-se na reflexão do narrador do conto: «O medo é a extrema ignorância em momento muito agudo».. Mais certo seria dizer, acerca de Damázio, «A ignorância é o extremo medo em momento muito agudo».. A própria personagem reconhece o poder que lhe falta ao desconhecer a língua que lhe permitiria descodificar a mensagem do seu interpelador, afirmando no final do conto: «Não há como que as grandezas machas de uma pessoa instruída».. O poder físico verga-se à impotência linguística. Deste modo, nos dois textos a antiga querela entre as armas e as letras é reelaborada no sentido de uma fusão: as letras são as únicas armas.

Os enigmas tornam-se gradualmente símbolos, o estranhamento provocado pelo contacto com o desconhecido gera infinitas significações – «O específico do símbolo deve ser procurado na indeterminação e ao mesmo tempo pluralidade de referências, pelas quais a expressão simbólica é relacionada com uma nebulosa de conteúdo, assumindo um significado de largo espectro», recorda Eco. Atente-se na largueza de espectro da «palavra mágica» – ao longo do conto «inócuo» abre-se num feixe de inúmeros sentidos: «vadio», «bêbedor», «trampolineiro ou ladrão dos finos», «ladrões dos grossos», «devasso e assassino de caçadeira», «assassino de faca e cróia de porta aberta», «um nome feio para um homem», «parricida», «escroque», «*souteneur*», «incendiário», «pederasta», «herege», «homem sem religião», «poça», «bolas». Nunca é demais recordar as palavras de Humpty Dumpty naquela que foi já referida como a mais linguística das obras literárias: «Eu, quando utilizo uma palavra, ela significa exactamente o que eu decidi que deve significar, nem mais nem menos».

Já não tanto assim em *Famigerado*, onde a intencionalidade do primeiro sujeito que enunciou a palavra pode apenas ser pressuposta, e mesmo assim de forma pouco clara: «- Saiba vosmecê que, na Serra, por o ultimamente, se compareceu um moço do Governo, rapaz meio estrondoso... Saiba que estou com ele à revelia... Cá eu não quero questão com o Governo, não estou em saúde nem idade... O rapaz, muitos acham que ele é de seu tanto esmiolado...». Às palavras de Damázio acerca do pressuposto insultante seguem-se as conjecturas do narrador consultado: «E já aí outro susto vertiginoso suspendia-me: alguém podia ter feito intriga, invencionice de atribuir-me a palavra de ofensa àquele homem;».

A performatividade da linguagem surge em ambos os contos de forma explícita – a interlocução é construção em comum de um sentido (cf. Hagège: 1986). O signo torna-se plurívoco, dependente do contexto enunciativo, imprevisível no significado que veicula. Apesar da afirmação de Saussure de que «Il n'est pas au pouvoir de l'individu de rien changer à un signe une fois établi dans un groupe linguistique», o signo é alterado. O sujeito falante é dotado do poder de refazer o signo. «Dire c'est faire» no sentido austiniano, na medida em que dizer é insultar. Mas «dire» é também «refaire» na medida em que o signo é



refeito em função do sujeito enunciador. «Deixa que as aplicações das palavras te ensinem qual é o seu sentido», apela Wittgenstein. Em *Famigerado* como em *A Palavra Mágica* as aplicações primeiras das duas palavras em causa fazem com que a sua consideração pragmática se afaste da verdade semântica que as enforma. A busca do sentido faz-se na direcção em que Rudi Keller entende a compreensão: «Ter compreendido é ter reconstruído intenções», e por isso uma das personagens de *A Palavra Mágica* interroga a sua mãe acerca de «inócuo» nos seguintes termos: «Mas que quer dizer?». *Querer dizer* é neste caso verdadeiramente *ter intenção de dizer algo* – o significado é condicionado totalmente por essa intencionalidade. Também Damázio dos Siqueiras pretende operar essa reconstrução de intenções: «O homem queria estrito o caroco: o verivérbio». E o «verivérbio» não é certamente o que o dicionário ou, nas palavras da personagem, «o legítimo – o livro que aprende as palavras..», lhe apresenta. O dicionário, encarnado no narrador, é parcial, descontextualizado: «Famigerado é inóxico, é «célebre», «notório», «notável»... (...) É «importante», que merece louvor, respeito..». Como o dicionário consultado n' *A Palavra Mágica*, também este não permite o regresso ao que o enunciador do vocábulo *quis dizer*, já que «o único critério acertado para se distinguir o que alguém «quer dizer» passa por determinar qual a actividade social que está em causa no momento em que a frase é enunciada: em termos wittgensteineanos, qual o jogo de linguagem que está a ser praticado». (Lima, José Pinto de: 1983). Só esta constatação poderá iluminar o fenómeno que se surpreende no conto de Vergílio Ferreira: «E admitindo que o vocábulo contivesse um veneno insuspeito, pegou num dicionário recente, o último modelo de ortografia e significados. Então pasmou de assombro, perante o escuro mistério que carregara de pólvora o termo mais benigno da língua: «inócuo» significava apenas «que não faz dano, inofensivo». E pôs o dicionário aberto diante da ofensa de Bernardino. O industrial carregou a luneta, e longo tempo, colérico, exigiu do livro insultos que lá não estavam». Também Damázio procura e exige de «famigerado» sentidos que semanticamente lá não estão. A palavra-veneno esconde-se por trás da sua consideração estritamente semântica, porque a realidade que encerra é de facto oposta: «Então o Ramos, que passava perto, tomou a palavra excomungada nas mãos e pediu ao velho que a abrisse, para ver tudo o que já lá tinha dentro. Um cheiro pútrido a fezes, a pus, a vinagre, alastrou pelo espanto de todos em redor. Com os dedos da memória, o caldeireiro foi tirando do ventre do vocábulo restos de velhos significados, maldições, ódios, desesperos». Referido directamente como carregado de veneno em *A Palavra Mágica* («...não foi difícil meter dentro da palavra mais um veneno»), o signo é implicitamente apresentado como tal em *Famigerado*, onde quem o oferece, neste caso o narrador, tem que o experimentar primeiro para ganhar a confiança do seu receptor: «Se certo! Era para se empenhar a barba. Do que diabo, então eu sincero disse: – Olhe: eu, como o senhor me vê, com vantagens, hum, o que eu queria uma hora destas era ser famigerado – bem famigerado, o mais que pudesse!..».

Na epifania da linguagem, o afastamento decisivo da diegese dos dois contos: *Famigerado* relata o triunfo da semântica do signo, *A Palavra Mágica* é, pelo contrário, a narração da superioridade do uso signico. Anunciando as palavras de Wittgenstein segundo quem «O sentido de uma palavra é o seu uso na linguagem», afirmava já Horácio na sua *Epistola ad Pisones*: «Multa renascentur quae iam cecidere, cadentque quae nunc sunt in honore vocabula, si volet usus, quem penes arbitrium est et ius et norma loquendi». *Famigerado* opõe-se de facto a *A Palavra Mágica* no momento-chave da reinstauração da ordem linguística. Tendo os dois vocábulos abandonado a «languagem» ao

longo da diegese, apenas o primeiro volta ao seu local de origem – «inócuo» saiu do dicionário para não mais regressar. As alegações do advogado no final do texto orientam-se neste sentido: «Mas há a intenção. Há o sentido que toda a gente liga à palavra». Que sentido seria este no texto de Guimarães Rosa? O informante desconhece-o, ou pretende desconhecê-lo, Damázio também: «Esporou, foi-se o alazão, não pensava ao que o trouxera, tese para alto rir, e mais, o famoso assunto»..

No momento em que *Famigerado* termina *A Palavra Mágica* prossegue – a causa da alegria do protagonista do conto de Guimarães Rosa é causa de irritação no de Vergílio Ferreira, porque o móbil da acção é diverso. Em ambos os textos se surpreende de alguma forma o processo que relata Carolino, personagem de *Aparição*, numa das páginas iniciais do romance:

«– Também fiz outra experiência, senhor doutor.

– Que experiência?

– Bem... Não sei como explicar. É assim: mastigar as palavras.

– Mastigar as palavras?

– Bem... É assim: a gente diz, por exemplo, pedra, madeira, estrelas ou qualquer coisa assim.

E repete: pedra, pedra, pedra. Muitas vezes. E depois, pedra já não quer dizer nada»..

O que em Carolino é jogo, relação lúdica com a materialidade significativa da linguagem, é no caso das personagens dos dois textos aqui estudados experiência primeira, inevitável, no contacto com o desconhecido daquela. Também «famigerado» e «inócuo» não querem dizer nada ou, paradoxalmente, querem dizer tudo para as pessoas por quem são apreendidos. A sua estranheza traça no entanto caminhos diversos de reacção nos dois contos. O objecto da diegese é de facto a comunicação, dificultada e adiada pelo equívoco linguístico, e em ambos os universos diegéticos o objecto é conseguido no final pelos sujeitos. Diferente é, necessariamente, a natureza desta comunicação nos dois contextos. Diferente é, portanto, a reacção perante a reinserção dos respectivos vocábulos na «languagem» a que pertencem: «inócuo» e «famigerado», duas palavras à procura de um sentido. «Pronunciar uma palavra é como tocar uma tecla do piano da imaginação», diria Wittgenstein. Em *A Palavra Mágica* a música não parará de tocar...

O que distancia os dois contos não é tanto, em última análise, a reacção perante o desconhecimento de uma determinada palavra mas antes perante a descoberta do seu significado convencional. Atente-se, a propósito, na reflexão de F.I.Fonseca acerca da experiência de Carolino atrás transcrita: «Condição do homem prisioneiro da Palavra que ele inventou (inventa) mas que também o inventou (inventa); do homem dependente dessa palavra-sinal-objecto cuja transparência lhe é tão indispensável como o ar que respira e cuja opacificação é, assim, sentida como uma angustiante «falta de ar»(...)». Damázio dos Siqueiras experimenta de facto esta «angustiante falta de ar» perante a opacidade de um signo que desconhece: «Saiba vosmecê que saí ind'hoje da Serra, que vim, sem parar, essas seis léguas, expresso direto para mor de lhe perguntar a pergunta, pelo claro...». A ansiedade da personagem rosiana contrasta explicitamente com todo o processo por que passam os intervenientes no texto de Vergílio Ferreira – a apropriação do termo «inócuo» é feita sucessivamente sem qualquer preocupação por parte das personagens de consultarem qualquer tipo de autoridade linguística – quando o fazem, recorrendo ao dicionário, é para o ignorarem: «Inócuo era uma maravilha para a última defesa da racionalidade

humana, pelos ocos esconderijos onde podiam ocultar-se todos os rancores e maldições. «Inócuo» era um benefício social. Não havia que emendar-se a vida pelo dicionário. Havia que forçar-se o dicionário a meter a vida na pele. (...) A vida, de facto, emendara o dicionário. (...) Toda a gente conhecia já a opinião do dicionário. Mas o furor era sempre mais forte do que um simples livro impresso». Um informante legítimo sem efectividade. O desconhecimento gerador de sentidos. A «parole» superando a «langue». As personagens de Vergílio Ferreira apropriando-se das palavras do próprio Guimarães Rosa: «quero voltar cada dia à origem da língua, lá onde a palavra ainda está nas entranhas da alma, para poder lhe dar luz segundo a minha imagem». O estranhamento perante a palavra torna-se produtivo – visão, não reconhecimento, do signo renovada em cada acto de fala: a «palavra mágica» ascendendo à condição da palavra em arte.

O acto de percepção linguística transforma-se, no conto de Vergílio Ferreira, em acto de percepção artística: «E eis que para se ter a sensação da vida, para se sentir os objectos, para sentir que a pedra é pedra, existe aquilo a que se chama arte. A finalidade da arte é dar uma sensação do objecto como visão e não como reconhecimento; o processo da arte é o processo de singularização dos objectos e o processo que consiste em obscurecer a forma, em aumentar a dificuldade e a duração da percepção». (Chklovski). «Inócuo» adquire, como palavra, aquele carácter «estranho e surpreendente» que Aristóteles reclamava como característico da linguagem poética. Se a literatura é, como quer Van Dijk, um macroacto de fala, a «palavra mágica» é a palavra poética – a polissemia substituída a sinonímia na definição do signo, instaurando a ambiguidade. No conto de Vergílio Ferreira o ruído, perturbador da comunicação puramente linguística, transforma-se em informação (cf. Lotman). Não assim em *Famigerado*, conto onde se procura reinstaurar o cosmos da língua. Não há no texto de Guimarães Rosa a percepção da palavra como partitura, «contruída sobre as ressonâncias sempre renovadas das leituras» (Jauss: 1993), mas sim o alívio perante o desobscurecimento da forma.

«Comment a-t-on pu se persuader que les paroles n'avaient aucune énergie par elles-mêmes?», perguntar-se-ia com Court de Gébelin... Porque esta energia própria é talvez portadora de mais informação, actualizando de modo mais completo a comunicação inter-pessoal...

Dois contos com o mesmo objecto – a comunicação –, aparentemente alcançada no final de ambos os textos. Aparentemente na medida em que *Famigerado* é, ou pode ser encarado como, um texto equívoco. Se em *A Palavra Mágica* se assiste a todo o processo de distanciação e autonomização da consideração pragmática do signo relativamente à sua consideração semântica, em *Famigerado*, pelo contrário, o acto de fala que gerou a acção está envolto numa espessa neblina. Damázio e o narrador consultado apenas conhecem a locução, não a ilocução do «moço do Governo»: «Comunicação é o que acontece quando nós compreendemos o que os outros querem dizer com as suas palavras». (Lima, José Pinto de). Todas as personagens do conto de Vergílio Ferreira compreenderam este *querer dizer* em cada uma das actualizações da palavra «inócuo». Terá Damázio atingido a mesma compreensão? Ou será que «famigerado» permaneceu ainda enigma, ao contrário de «inócuo», «Um signo que aponta a uma infinidade de sentidos / ou o sentido é infinito». (Ramos Rosa) ?

O regresso da palavra à «langue» não é necessariamente a descoberta do seu significado, já que esta é, como a define Hagège, um não-lugar. «Inócuo» recusou-se a regressar a esse não-lugar.



*Famigerado e A Palavra Mágica*, duas reflexões sobre a linguagem: euforia da palavra-coisa, plena na sua materialidade, luta interna do signo, constatação de que «language subjects us» mas também de que «we subject language». E ainda duas reflexões sobre a literatura e a actividade do escritor, «cuja acção», afirmava Barthes em 1966, «cada vez mais se pode definir como uma crítica da linguagem». Metalinguagem e metaliteratura fundem-se em dois contos, duas glosas do mote de Almada: «Nós não somos do século de inventar as palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas».

## BIBLIOGRAFIA:

### Textos-base:

- FERREIRA, Vergílio. 1991. *A Palavra Mágica, Contos*, Lisboa, Bertrand Ed. (págs. 55 – 62).  
 ROSA, João Guimarães. 1994. *Famigerado, Primeiras Estórias*, in *Ficção Completa* – vol. II, Rio de Janeiro, Ed. Nova Aguilar (págs. 393 – 396).

### Estudos:

- AAVV. 1994. *Enciclopédia Einaudi*. Nº 31, INCM.  
 AAVV. 1987. *Pragmática de la Comunicación Literaria*. Madrid: Arco / Libros.  
 BENVENISTE, E. *O Homem na Linguagem*. Lisboa: Vega. s/d.  
 ECO, Umberto. 1985. *O Signo*. Lisboa: ed. Presença (3ªed.).  
 FONSECA, Fernanda Irene. 1992. *Vergílio Ferreira: A Celebração da Palavra*. Coimbra: Almedina.  
 HAGEGE, Claude. 1986. *L'Homme de Paroles*. Prais: Folio.  
 JAUSS, H.R. 1993. *A Literatura como Provocação*. Lisboa: Vega.  
 LIMA, José Pinto de (org.). 1983. *Linguagem e Acção – da Filosofia Analítica à Linguística Pragmática*. Lisboa: Apáginastantas.  
 MARINHO, Maria de Fátima. 1986. *Primeiras Estórias de Guimarães Rosa – Enorme Mentira*. Porto: Faculdade de Letras.  
 TODOROV, T. (org.). 1987. *Teoria da Literatura I – Textos dos Formalistas Russos*. Lisboa: Eds. 70.  
 WITGENSTEIN, L. 1987. *Tratado Lógico-Filosófico / Investigações Filosóficas*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian.  
 YAGUELLO, Marina. 1981. *Alyce au Pays du Langage*. Paris: Seuil.